

# JEAN FOURASTIÉ E A GRANDE ESPERANÇA NO PROCESSO TÉCNICO, NA PRODUTIVIDADE E NO LAZER

**Cathia Alves**

Universidade de Araras, Araras, São Paulo, Brasil

**Alice da Silva Romualdo**

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, Brasil

**Nelson Carvalho Marcellino**

Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, São Paulo, Brasil

## Resumo

O estudo descreve as relações entre o progresso técnico, a produtividade e o lazer a partir das principais obras de Jean Fourastié traduzidas para o português e que analisam essas ligações. O texto apresenta as relações que acontecem entre os três elementos, a partir do progresso técnico baseado na produção e consumo, e descreve como ele e a produtividade influenciam o lazer, partindo de elementos gerados historicamente. Jean Fourastié defende o progresso técnico como principal esperança de vida para a população no futuro e assinala que vê no turismo uma das possibilidades de prazer no tempo de lazer. Conclui-se, ainda, que as relações estabelecidas pelo autor entre o progresso técnico, a produtividade e o lazer são complementares, quer esses elementos sejam considerados como pares ou de forma encadeada.

**Palavras-chave:** Jean Fourastié - Atividades de Lazer - Desenvolvimento Econômico - Produtividade

---

## Introdução

Ao se proceder à análise de algumas obras de Jean Fourastié, economista francês que viveu de 1907 a 1990, percebe-se sua preocupação com a economia baseada no trabalho humano, mediada pela produção e consumo. Nota-se também a relação entre o progresso técnico, a produtividade e o lazer, destacando-se o turismo como uma das possibilidades abertas pelo progresso técnico, tema principal das teorias do autor.

Fourastié (1961, 1967 e 1971) analisa o progresso técnico e constata sua ação sobre os fatos econômicos e sociais relacionados com o nível de vida, o poder financeiro e o estilo de vida dos indivíduos, no que diz respeito às condições profissionais e à estrutura de produção e consumo.

Assim, os objetivos deste estudo são: (1) apresentar as relações que acontecem entre progresso técnico, com base na produção e consumo, a produtividade e o lazer e (2) descrever como o progresso técnico influencia o lazer, partindo de elementos gerados por ele próprio.

O estudo é caracterizado pelo tipo de pesquisa bibliográfica, formada pelos textos do autor publicados no Brasil<sup>1</sup> e relacionados à temática escolhida.

Selecionou-se quatro obras essenciais de Jean Fourastié (1961, publicada pela primeira vez em 1949; 1967, publicada pela primeira vez em 1965; 1971, publicada pela primeira vez em 1945; e 1979).

Os estudos do autor buscam explicar o progresso técnico, demonstrando o que é ou não possível a partir desse fenômeno, na tentativa de gerar uma consciência no indivíduo e ainda orientar os que têm a função de dirigir não só a economia, mas também outras esferas da vida humana.

### **As relações entre o lazer, o progresso técnico e a produtividade**

Fourastié (1961) indica que certos fatos, como o despovoamento dos campos, a diminuição da semana de trabalho, as crises econômicas, as crises de desemprego, a instabilidade dos preços e do nível de vida das classes operárias, eram, até o momento, vistos como aspectos sem ligação e, em grande parte das vezes, de difícil explicação. Atualmente, suas consequências se entrelaçam e demonstram ser resultado do progresso técnico, refletindo-se nas diferentes manifestações humanas.

Entende-se que o progresso técnico representa um aumento no volume de produção de uma quantidade fixa de matéria-prima ou de trabalho humano (FOURASTIÉ, 1971).

Segundo o autor, progresso técnico é o progresso científico refletido nos fatos econômicos. Antes de 1950, o capital (riqueza acumulada ou acumulável, poupança) era considerado um fator dominante da vida econômica, porém, na falta do progresso técnico, ele não se aplicava aos meios de produção. Dessa forma, para Fourastié (1971), o elemento inovador é que o progresso técnico possibilitou ao capital

---

1-O Autor tem muitos escritos publicados e a informação está disponível em: <http://www.jean-fourastie.org/>, item Bibliographie. Ver também o item Biographie. Acesso 20 abril de 2011.

condições de gerir os bens de consumo, levando a grande maioria a concordar em pensar no progresso técnico como impulsionador da revolução industrial.

Assim, o capital, a riqueza, serve ao progresso técnico. Ele é visto como rendimento e produtividade, procurando ser uma via de facilitação, uma maneira mais eficaz e contundente de resolver os problemas teóricos e práticos da sociedade.

Segundo Fourastié (1971, p. 28), progresso é: “[...] aprender mais depressa, resolver em primeiro lugar, depois resolver mais rapidamente [...]”. “O progresso é, portanto, o aumento da rapidez com a qual o homem domina as dificuldades (FOURASTIÉ, 1971, p. 29).” Para o autor, a expressão dessa velocidade é a produtividade ou rendimento.

Quanto ao rendimento de espécie, exemplifica-se a estrutura de um carro, em cuja fabricação se utiliza de menos aço, deixando-o mais leve, porém com a mesma qualidade de antes; assim, o progresso técnico contribuiu, a seu modo, com a disponibilidade de matéria-prima (FOURASTIÉ, 1971). Já em relação ao trabalho humano, o olhar debruçado sobre esse elemento preocupa-se excessivamente com a quantidade de matéria-prima obtida em horas trabalhadas. A variação entre o rendimento de um elemento e outro deve ser estudada de acordo com o sistema econômico escolhido. E não é possível excluir a discussão voltada para os rendimentos do trabalho humano.

É provável que esse crescimento de produção de trabalho humano tenha exigido mais do trabalhador e, conseqüentemente, interferido em sua estrutura de vida, podendo ter provocado a hierarquização das necessidades, potencializando o paradigma de que o trabalho é mais importante que outras esferas da vida humana.

O autor demonstra que todos os trabalhadores, independentemente dos papéis que desempenham, devem ter consciência e estar convictos de que a perfeição do uso metodológico da produtividade é o caminho mais rápido e funcional do progresso econômico e social, e se a sociedade quiser viver melhor, deverá produzir melhor (FOURASTIÉ, 1961).

Ao ser humano foi inculcada a proposta da produção. Ele foi instruído a crer que somente produzindo poderia melhorar de vida. Dessa forma:

[...] se o aumento da produtividade não é, a curto prazo, uma condição suficiente para o aumento do poder aquisitivo, é, po-

rém, a longo prazo, uma condição realmente necessária e suficiente para a melhoria do nível de vida de um povo (FOURASTIÉ, 1961, p. 35).

A produtividade é colocada como o único meio de prosperar na vida, pois ela pode reduzir a duração do trabalho dos adultos; aumentar a duração da escolaridade dos jovens (fato que já ocorre); e amparar um número sempre maior de velhos sem reduzir o nível de vida e o poder aquisitivo. Para que a nação se supere e evolua é preciso investir no progresso técnico, portanto, embaraçam-se as relações econômicas e sociais (FOURASTIÉ, 1961).

Segundo Fourastié (1961), o progresso técnico é admirável, mas pode ser arriscado e perigoso.

Ainda com relação à descrição do progresso técnico, Fourastié (1971) apresenta três vertentes que contribuem no processo de caracterização desse elemento na vida humana:

1. o progresso técnico, como rendimento em espécie, define-se pela quantidade de matéria-prima necessária para gerar uma produção específica;
2. o progresso técnico determina o rendimento financeiro, o aumento de produção relacionado a um novo investimento;
3. e no progresso técnico, como rendimento do trabalho humano, independente da condição estabelecida para essa ação, o essencial é a eficácia na produção.

Dessas três características destaca-se a terceira. O rendimento do trabalho humano reduziu de 10 para 1 o tempo de trabalho exigido para fabricação de certos produtos (FOURASTIÉ, 1971).

A preocupação em torno da fabricação de produtos em menor tempo foi ressaltada pelo autor, ou seja, questiona-se como se daria o processo de diminuição do tempo de duração do trabalho. Assim, a duração do trabalho é considerada um dos elementos mais característicos da metamorfose atual da humanidade. Durante dezenas ou mesmo centenas de milhares de anos, grande parte da humanidade só conheceu uma atividade: o trabalho, e, para o autor, a mutação técnica e econômica, chamada de progresso técnico, transformou a condição humana.

O fator básico do equilíbrio social durante o crescimento e desenvolvimento do progresso técnico é, em suma, o ajuste da produção ao consumo; e este ajuste só pode ser feito, segundo o autor, por meio do emprego, isto é, da duração do trabalho. A duração do trabalho é, por-

tanto, o único regulador capaz de evitar a superprodução relativa, as crises e o desemprego. Para Fourastié (1967), a progressiva redução do trabalho está no centro dos problemas de nosso tempo.

Convém salientar que, segundo o autor, a interferência na duração de trabalho pode ser uma opção crucial da civilização, pois manter a duração do trabalho é optar pelo crescimento mais rápido do poder aquisitivo, do nível de vida, do consumo comum, dos bens e serviços concretos.

A redução da duração do trabalho poderá diminuir as satisfações econômicas, porém a elevação da idade escolar e o aumento dos lazes são uma chance de abrir às massas populares uma concepção menos vegetativa de vida, além de apresentar-lhes outro tipo de modo de vida, talvez mais agradável e prazeroso.

O autor descreve a redução do trabalho como algo negativo; ao mesmo tempo, considera a importância de se viver outras coisas para além do trabalho. Segundo ele, o ser humano não foi e não está preparado para tal mudança.

Na época em que escreveu sua obra, o autor percebeu uma fase de transição em que as pessoas buscavam por trabalho, mas também queriam o lazer. É, portanto, a opção entre o conceito puramente econômico de vida e uma conceituação muito mais eclética, aberta a um equilíbrio de necessidades e prazeres.

Fourastié (1967) reforça a importância do lazer no desenvolvimento da humanidade quando afirma que os estudos relativos a este elemento serão maiores e despertados pela ligação com as ciências humanas, sociais e naturais. Além disso, o indivíduo terá de ser ajudado quanto a seu lazer, orientado sobre quais são as possibilidades de vivência que ele poderá usufruir, considerando que num futuro próximo o lazer será reconhecido.

Hoje se pode dizer que a “previsão” do autor estava correta. Na década de 1980, o lazer passou a existir como direito reconhecido e muito tem aumentado a procura e a prática desse elemento, embora seja um processo lento e com poucos incentivos das políticas públicas.

O autor aponta que o espaço do lazer é educativo e destaca os lazes culturais. Fourastié (1967 e 1971) não apresentou uma idéia clara e concreta de lazer, como nota-se nos dias de hoje, porém avançou ao relacionar lazer com cultura. Também ressaltou a idéia de que as pessoas enxergam a vida em três estados: comer, dormir e trabalhar. E afirma que a noção de lazer é algo moderno.

Essa visão parcial das esferas de vida ainda tem presença marcante, porém por meio da educação é possível abrir um leque de possibilidades que faça com que as pessoas mudem esse conceito parcial de vida.

Para tal, retomam-se dois elementos essenciais: (1) o nível de vida relacionado com a esfera financeira e (2) o modo de vida ligado à duração do trabalho, à profissão e outros (inclusive o lazer).

No que diz respeito ao nível de vida, Fourastié (1971) o associa com a renda real da população. E confirma a idéia de atender às necessidades básicas da população, apontando diretamente para a massa do povo. Afirma que quando o indivíduo tem suas necessidades fundamentais satisfeitas, ele passa a procurar outros serviços.

[...] a observação mostra que o homem cuja renda real aumenta, tende a procurar outras satisfações que aquelas que obtém de uma renda monetária; por exemplo, torna-se exigente na escolha de sua profissão; prefere baixar a duração de seu trabalho e diminuir o seu nível de vida para aumentar seus lazeres pessoais; procura igualmente a cultura intelectual e artística; prolonga seu tempo escolar (FOURASTIÉ, 1971, p. 194).

Nota-se mais uma diferenciação: o nível de vida é chamado por ele de fórmula para o modo de vida. E, para tal, considera a profissão o elemento primordial desse contexto.

Os benefícios dessa redução atingiram toda a população e geraram mais intenção de lazer. O jovem, principalmente, foi privilegiado, podendo se dedicar mais aos estudos. O cinema e o rádio são considerados atividades intelectuais que contribuíram para elevar o grau de instrução cultural dos povos. O autor acrescenta que o transporte foi o elemento que mais favoreceu o desenvolvimento da cultura popular, e formou não só a juventude, mas também a idade madura, pois possibilitou mais acesso a diferentes situações (FOURASTIÉ, 1971).

O autor indica que com a evolução a economia invadiu o setor terciário, ainda que este seja rebelde ao progresso técnico; exemplificando-se no turismo, um dos interesses do lazer, como um setor que movimentava grande parte da economia de cidades turísticas.

Fourastié coloca a produtividade como uma medida do progresso técnico, que no futuro terá sua noção cada vez mais importante e tornar-se-á orientação da “[...] evolução num sentido conforme o bem-

estar material e com o equilíbrio intelectual do homem” (1961, p. 13).

Faz também a relação entre produtividade e nível de vida, e vê a oportunidade de viver melhor, produzindo melhor.

Contra os “donos” da produtividade, que consideram apenas os progressos da produtividade que levam à elevação dos lucros, sem redução de preços nem aumento de salários, considera que: “[...] é dever do Estado e dos sindicatos operários lutarem contra este estado das coisas” (1961, p.15). Argumenta que os fatos apresentados em sua obra acerca das disparidades do poder aquisitivo no espaço, no tempo e da influência dos lucros demonstram que a vitória será certa, ao cabo de algum tempo.

Fourastié define o progresso técnico como um meio e não um fim; meio para: “[...] favorecer o que o homem tem de essencialmente humano” (1961, p. 113). Desembaraçando-se das formas mais “baixas de vida” (o que é material, mecânico e automático) para alcançar “formas mais altas”, identificando aquilo que é próprio do ser humano. Assim, “[...] o progresso técnico obriga o homem a especializar-se no humano” (1961, p. 114).

### **O lazer como atividade terciária**

Segundo Fourastié, o progresso não apresenta um continuum nas diversas dimensões de vida do indivíduo e o autor distingue três classificações para esse avanço:

1. as atividades primárias, ligadas à agricultura, com um avanço médio;
2. as atividades secundárias, ligadas à indústria, com um avanço considerável;
3. as atividades terciárias, ligadas ao comércio, administração, profissões liberais e serviços pessoais, com baixo avanço do progresso técnico.

O autor exemplifica que, a visita médica, o teatro, os concertos de materiais domésticos ou automóveis, os serviços domésticos, o barbeiro, a universidade e o ensino livre, as despesas de hospitalização e muitos outros consumos de baixo progresso técnico custaram, no ano de 1959, quase o mesmo número de salários que no ano de 1914 (FOURASTIÉ, 1961). O que demonstra, mais uma vez, a baixa influência do progresso técnico no setor terciário.

Em um quadro de preços reais de diversos bens e serviços, Fouras-



tié (1961) demonstra que os dados representam o poder aquisitivo das pessoas, que pouco altera no mundo; porém, no que diz respeito aos serviços terciários, como o cinema e o corte de cabelos, existe grande variação no que concerne aos produtos primários, que sofrem influência direta do progresso técnico.

Segundo o autor, os bens terciários são atividades de progresso técnico frágil, geralmente oferecidos pelo comércio, administração, profissões liberais, artesanato etc.

A fragilidade neste tipo de produção, porém, demonstra a procura pelos serviços terciários; em consequência disso, há uma permanente ocorrência de preços altos e pouca oferta de serviços; por exemplo, serviços domésticos, cuidados pessoais, comerciais, turismo, espetáculos etc. (FOURASTIÉ, 1961).

Outra relação estabelecida entre lazer e progresso técnico foi a influência desse fator no turismo. O autor exemplifica o bem terciário como um quarto de hotel, afirmando que esse serviço tem produtividade praticamente constante e seu preço é, conseqüentemente, paralelo ao salário, às vezes cresce; por outro lado, a procura não cessa de aumentar em todos os locais, sobretudo nos ambientes mais progressistas, pois essa procura é tanto maior quanto mais elevado é o nível de vida.

Para que a maior parte das pessoas tenha acesso ao lazer, não somente no conteúdo turístico, mas em todos os outros interesses, é necessário democratizar essa manifestação, alcançar a origem de diferentes pessoas e suas necessidades específicas, não de forma isolada, mas com interesse em seu bem-estar e qualidade de vida, dando continuidade à sua produção e consumo de cultura e possibilitando o acesso às diversas manifestações de lazer como direito reconhecido. E, para isso, seria necessária uma contribuição mais efetiva do progresso técnico quanto ao elemento de modo de vida.

Para Fourastié, a única maneira de melhorar de vida é por meio da produção com base no progresso técnico (FOURASTIÉ, 1961).

Para que a elevação do nível de vida ocorresse, segundo Fourastié (1967), foi necessário o mínimo vital coletivo; esse mínimo permitiu (em partes) o atendimento das necessidades não vegetativas, ou seja, cumpriu com a satisfação chamada de básica.

O autor afirma que o homem miserável não tem consciência de que, se vivesse em outra condição, teria necessidades que parecem supérfluas, como uma casa de campo, por exemplo.



Fourastié (1971) caracteriza o aumento do nível de vida como um período transitório, no qual ocorre um aumento de consumo no setor terciário. Posteriormente a esse período, ele nomeia uma “civilização terciária”. Para ele, a princípio, o terciário será um setor extremamente movimentado. Porém aponta para sua fragilidade e afirma que o nível de vida aumenta quando expresso pelos setores secundário e primário.

O autor conclui que essa movimentação dependerá do consumo. E apresenta três considerações:

1. o progresso técnico permitirá um aumento do nível de vida;
2. o aumento do nível de vida é limitado, pois a flexibilidade do consumo concretizar-se-á no setor terciário;
3. a redução da duração do trabalho reduz também o nível de vida.

Além dessas movimentações, Fourastié (1971) aponta para uma nova perspectiva econômica e social: a saturação dos setores primário e secundário e a ampliação do setor terciário, que provoca um novo fenômeno chamado de serviços.

Quanto ao elemento tempo, Fourastié descreve, em outra obra (1979), que chegará a época em que haverá maior disponibilidade de tempo livre; será necessário valorizar o lazer e cada sociedade saberá ideologicamente o que fazer com este “tempo livre”.

Para Fourastié (1979), o conceito de lazer suscitou muitas dúvidas e ainda se encontra sem definição. Ele faz a distinção de algumas atividades necessárias à vida humana, como o dormir, e que podem ser vistas, em alguns momentos, como lazer. Neste caso, o lazer, para ele, é o tempo livre depois de encerrado o expediente de trabalho e atendidas as carências “biológicas”.

Fourastié (1979) afirma que fazer compras pode ser lazer, assim como participar de festas, ou seja, cumprir obrigações sociais e culturais que representam uma necessidade que precisa ser atendida.

Para ele, a palavra lazer evoluiu, associou-se ao tempo e não à opção do indivíduo pelo ócio ou por outra atividade a ser realizada nesse tempo. O autor defende que só hoje as massas e os trabalhadores rurais passaram a dividir seu tempo; assim, o lazer apresenta-se como uma possibilidade de distração quando não se está no trabalho e é um elemento novo.

Mas o autor apresenta uma visão limitada e invertida de lazer, ligando sua escolha às personalidades humanas individuais; para ele, a personalidade da pessoa revela-se nas escolhas que ela faz.

Não se deve descartar a importância do gosto pessoal associado à

personalidade no momento de escolha do lazer; porém existem barreiras intra e interclasses associadas às escolhas de lazer, antes mesmo de se considerar o gosto individual.

Fourastié (1979) indica que o lazer surge, historicamente, como horas de descanso, e que, saciado o descanso, outros interesses surgem. Para ele, se o tempo livre sobra, o lazer é ativo e a distração é o primeiro formato desta atividade: posteriormente surge o artesanato e, por último, a representatividade do lazer como atividade intelectual ou cultural.

A distração é vista como algo sem grandes dificuldades, que muda o tempo todo: a pessoa assiste à televisão, folheia uma revista, vai ao cinema. Procura-se o mais fácil, o mais atraente, sem outra finalidade senão a satisfação. Assim, a distração é algo que merece a consideração do indivíduo. Para o autor, o turismo também se encaixa nessa proposta de distração pura e simples; exemplifica o caso de pessoas que viajam o tempo todo de um local para outro sem estabelecer vínculos e compromissos, sem se preocupar com a condição humana, mas, sim, querendo ver coisas novas (FOURASTIÉ, 1979).

O autor também fala do esporte como opção do lazer. Para ele, o esporte é visto como uma atividade real. Distingue aqueles que assistem aos jogos, mas não se interessam em melhorar sua performance; isso seria a distração. E há outro grupo que acredita que a distração não aprimora nada e busca coisas mais elevadas. A partir desse elemento surge a questão do aperfeiçoamento pessoal, em que o indivíduo busca atividades que o façam avançar do estado anterior em que se encontrava a outro superior (FOURASTIÉ, 1979).

## Conclusão

Retomando a discussão central de Fourastié (1971), ela esclarece que a economia domina todos os campos de vida do ser humano. Para o autor, a economia determina as ações políticas e sociais e, para alterar o nível e o modo de vida, é preciso modificar a economia a partir do progresso técnico, que tanto contribui para a sociedade.

O autor ainda confirma que, na época em que escreveu, as pessoas viviam em um período de transição, um período perturbador, que não apresentava algo definitivo e gerava quebras de fenômenos, não havendo uma estabilidade nem econômica e, conseqüentemente, nem social, política e cultural.

É possível perceber uma proposta de otimismo direcionada para o uso da máquina, quando Fourastié afirma que o período de transição já apresenta uma expansão, em que: “[...] o homem não será esmagado pela máquina, nada será menos industrial que a civilização nascida da revolução industrial” (1971, p.234).

O autor entende que a máquina influenciou a vida humana, que o automatismo destruiu a individualidade e que somente o tempo dirá se a experiência do progresso técnico foi positiva ou negativa para humanidade.

Inicialmente, as máquinas passam a dirigir a vida do indivíduo em todos os campos, conduzindo-o ao conformismo, inclusive em seus lazeres. Nota-se, porém, uma reversão desse quadro, por vários motivos; um deles é quando o setor terciário evolui; o outro é a própria evolução das máquinas: em 1900 o indivíduo exercia a pura mecânica sobre elas e a partir de 1960 ele passa a usar a tecnologia e a inteligência para gerir as máquinas (FOURASTIÉ, 1971).

Para o autor, a máquina moderna demonstra um renascimento do ser humano, pois toma para si a responsabilidade da repetição inconsciente. O indivíduo, porém, pode prever e pensar novamente (FOURASTIÉ, 1971).

Ele chega a afirmar que a “máquina é geradora de lazer”. Uma segunda fase se anuncia, na qual o ser humano prefere diminuir seu consumo e aumentar seu lazer. Segundo o autor,

[...] se o consumo maciço gera uniformidade, o lazer é por natureza individualista; em primeiro lugar, boa parte do lazer dos jovens é utilizada no ensino, e se o ensino primário é gerador de conformismo (ortografia, aritmética), o ensino superior é sempre adequado para desenvolver faculdades de iniciativa, espírito crítico e autonomia de julgamento. Em seguida, cada um procura nos lazeres aquilo que lhe agrada, e em especial, um antídoto para as compulsões sociais: um caça, outro pesca, o terceiro joga bola, todos viajam e descobrem a incrível diversidade do campo, das cidades, dos homens (1971, p. 250).

Centra-se excessivamente na máquina, indicando que ela “leva [...] o homem a especializar-se no humano” (1971, p. 251). Para ele, toda a vida humana girará em torno da máquina, ao redor do econômico.

Dessa forma, Fourastié (1971) considera os movimentos na sociedade, o deslocamento e as transferências de setores, a redução de preços, a diminuição de rendas, a relevância das trocas comerciais, a difusão cada vez maior do ensino superior; a volta às condições tradicionais de habitat, numa condição mais confortável; o crescimento do nível de vida, entre outras coisas.

Em *A grande esperança do século XX*, o seu “livro principal”, Fourastié (1961) destaca o progresso técnico e a produtividade como grandes esperanças para a vivência humana. Mas, diferentemente de outros autores, nos quais se verifica a crença na máquina (LAFARGUE, 1970 e RUSSEL, 1977 [ambos socialistas e vêem um futuro nesse tipo de sociedade; assim, seus textos precisam ser contextualizados a partir de sua crítica ao modo de produção capitalista]), e apesar de sua visão otimista, Fourastié vê a importância de o Estado e os sindicatos de trabalhadores se posicionarem contra seus “donos”, que buscam o lucro.

Mais realista, e em condições históricas privilegiadas, Fourastié (1967) colocava que num futuro próximo, no século XXI, seis horas diárias de trabalho seriam suficientes para atender as populações, enquanto Lafargue, no final do século XIX (1970), pregava um número de três horas, e Russel, em 1932 (1977), advogava que seriam quatro horas.

O que se espera do futuro comporta pelo menos dois exercícios de abordagens: o de futurologia e o da esperança, manifestada na Utopia. Fourastié opta pela segunda abordagem, enquanto outros autores, como De Masi (1999a, 1999b, 1999c, 2000, 2001a e 2001b), em sua vinculação trabalho/lazer, ou trabalho/ócio, colocam a instauração de uma civilização do ócio, já vislumbrada por Dumazedier sob o nome de “civilização do lazer” (DUMAZEDIER, 1973 a, b, 1977). Dumazedier é um de seus apologistas, inclusive em textos mais recentes, como “Eloge de la folie” (1990).

“Pragmatismo prospectivo.” É assim que Rubem Alves caracteriza a futurologia. Isso porque seu pressuposto básico é que a forma do mundo futuro será resultado das tendências verificadas no presente. Assim, nesse exercício,

[...] a partir das condições dominantes do poder, projeta-se um futuro no qual o presente é preservado e aumentado, ao mesmo tempo em que os elementos disfuncionais que agora resistem

são dele eliminados. E isso implica, por detrás da organização do poder em bases materiais, a conquista da imaginação, de tal modo que o homem acabe por amar o futuro que lhe está sendo destinado (ALVES, 1986, p. 45).

Parece, assim, que a futurologia poderia ser caracterizada como um recurso ideológico “funcionalista”, de modo geral e também quando o assunto é o lazer.

Dessa forma, a esperança de Fourastié, o distingue dos autores futurologistas, que pregavam o advento das sociedades de lazer, ou de ócio, mantidos a estrutura e o modo de produção vigente.

Portanto, as relações estabelecidas pelo autor entre o progresso técnico, a produtividade e o lazer são complementares, quer esses elementos sejam considerados como pares ou de forma encadeada.

E ainda, as implicações econômicas do progresso técnico, alteram o modo e nível de vida em todas as manifestações humanas, incluindo a Educação Física e o Lazer; na atuação profissional, e na importância do domínio das teorias dessas áreas, e sua adequação a nossa sociedade.

Segundo Bramante (2010) o Brasil sofre uma defasagem no que se refere ao comportamento do ser humano no lazer com as variáveis econômicas, políticas, culturais, entre outras. Dessa forma o lazer se torna muito mais “aspiração do que realidade” gerando a necessidade de compreensão deste fenômeno tanto pela opinião pública como pela própria academia.

Assim, se faz necessário enfatizar a “educação para e pelo lazer”, não na sistematização de uma disciplina na educação formal, mas como uma apropriação do direito ao lazer, e essencialmente de sua experimentação diária.

Marcellino (2010) ao abordar as questões do lazer, no século XXI, no Brasil, opta pela esperança de novos recursos e possibilidades, num conjunto de ações; profissionais, de organização comunitária e governamental, que se movimentam. Mesmo que as questões relativas ao lazer sejam contornadas por manipulações ideológicas é possível admitir um lazer que contribui para vivência de valores diferenciados que podem mudar a ordem moral e cultural na sociedade.

E nesse sentido as atividades físico-esportivas, como um dos conteúdos presentes no lazer, podem revestir-se de conhecimento e sistematizações que se destacam no campo da formação, intervenção e

investigação desta temática.

Conclui-se, segundo Marcellino (2010) que a Educação Física na ligação com o lazer, deve ir para além da competência específica, exercendo compromisso político e constante reflexão sobre os rumos da ação; contribuindo para o investimento na construção de uma nova sociedade.

Assim, se faz necessário compreender as relações que o Lazer estabelece com outros elementos, entre eles, o progresso técnico e a produtividade, não de uma perspectiva literal, mas crítica e criativa, uma vez que tanto um quanto a outra, na sociedade capitalista, têm donos, em termos de classe social, que continuarão empenhados em aumentarem seus lucros.

### **Jean Fourastié and the great hope in technical progress, productivity, and leisure**

#### **Abstract**

The present paper describes the relations between technical progress, productivity, and leisure based on the Portuguese translation of Jean Fourastié's main works that describe such relation. The relations between these three elements are introduced from the technical progress based on the production and consume and describes, from historically generated elements, how technical progress and productivity influence leisure. Jean Fourastié advocates the technical progress as the main hope for the life of people in the future and points out that tourism is one of the possibilities of pleasure in times of leisure. The conclusion is that the relations established by the author between technical progress, productivity, and leisure are complementary ones, whether these elements are taken as peers or in a linked form.

**Keywords:** Jean Fourastié - Leisure Activities - Economic Development - Efficiency

### **Jean Fourastié y la grande esperanza en el desarrollo técnico, la productividad y el ocio**

#### **Resumen**

Este análisis describe las relaciones entre el desarrollo técnico, la productividad y el ocio a partir de las principales obras de Jean Fourastié traducidas al portugués y que describen esta relación. El texto presenta las relaciones que ocurren entre los tres elementos, desde el desarrollo técnico basado en la producción y el consumo, y describe como él y la productividad influyen el ocio, a partir de elementos generados históricamente. Jean Fourastié defiende el desarrollo técnico como principal esperanza de vida para la gente del futuro y señala que ve en el turismo una de las posibilidades de placer en el tiempo de ocio. Se concluye, aún, que las relaciones establecidas por el autor entre el desarrollo técnico, la productividad y el ocio son

complementares, sean o no sean eses elementos considerados como pares o en forma encadenada.

**Palabras clave:** Jean Fourastié - Ócio - Desarrollo Técnico - Productividad

---

## Referências

ALVES, Rubem. A gestação do futuro. Campinas: Papyrus, 1986.

BRAMANTE, Antonio Carlos. Recreação e Lazer: o futuro em nossas mãos. In: MOREIRA, Wagner Wey (org). Educação Física e Esportes perspectivas para o século XXI. 16 ed. Campinas: Papyrus, 2010.

DE MASI, Domenico. A emoção e a regra. Rio/Brasília: J. Olympio/UNB, 1999a.

\_\_\_\_\_. A sociedade pós-industrial. São Paulo: SENAC, 1999b.

\_\_\_\_\_. Desenvolvimento sem trabalho. São Paulo: Esfera, 1999c.

\_\_\_\_\_. O ócio criativo. 3. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

\_\_\_\_\_. A economia do ócio. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2001a.

\_\_\_\_\_. O futuro do trabalho. 6. ed. Rio de Janeiro/Brasília: José Olympio/UNB, 2001b.

DUMAZEDIER, Joffre. Sociologia empírica do lazer. São Paulo: Perspectiva, 1973a.

\_\_\_\_\_. Lazer e cultura popular. São Paulo: Perspectiva, 1973b.

\_\_\_\_\_. A revolução cultural do lazer nos centros urbanos. Cadernos de lazer. São Paulo: Sesc/Brasiliense, v. 1, p. 43-52, 1977.

\_\_\_\_\_. New “eloge de la folie”. World Leisure & Recreation. v. 32, n. 4, p. 6-10, 1990.

FOURASTIÉ, Jean. A produtividade. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1961.



\_\_\_\_\_. As 40.000 horas, para onde caminha o trabalho da humanidade. Rio de Janeiro: Forense, 1967.

\_\_\_\_\_. A grande esperança do século XX. São Paulo: Perspectiva, 1971.

\_\_\_\_\_. Lazer e turismo. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça. Lisboa: Estampa, 1970.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. Perspectivas para o lazer: mercadoria ou sinal de utopia? In: MOREIRA, Wagner Wey (org). Educação Física e Esportes perspectivas para o século XXI. 10 ed. Campinas: Papyrus, 2010.

RUSSEL. Bertrand. Elogio do lazer. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

.....  
Recebido em: 02/05/2010

Revisado em: 15/06/2010

Aprovado em: 02/09/2010

**Endereço para correspondência**

tiago.frosi@yahoo.com.br

Tiago Oviedo Frosi

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Escola Superior de Educação Física

Rua Felizardo, 750

Jardim Botânico

90690-200 - Porto Alegre, RS - Brasil